



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS DE ERECHIM

CURSO DE AGRONOMIA

HENRIQUE LUIZ ZANIN

**DIFICULDADES ENCONTRADAS POR AGRICULTORES DE SÃO JOÃO DA
URTIGA – RS FRENTE A DIFERENTES SISTEMAS DE PRODUÇÃO: UM
ENFOQUE SISTÊMICO**

ERECHIM

2017

HENRIQUE LUIZ ZANIN

**DIFICULDADES ENCONTRADAS POR AGRICULTORES DE SÃO JOÃO DA
URTIGA – RS FRENTE A DIFERENTES SISTEMAS DE PRODUÇÃO: UM
ENFOQUE SISTÊMICO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello

ERECHIM

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Zanin, Henrique Luiz

Dificuldades encontradas por agricultores de São João da Urtiga (RS) frente à diferentes sistemas de produção:

Um enfoque sistêmico/ Henrique Luiz Zanin. -- 2017.

40 f.

Orientador: Ulisses Pereira de Mello.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -

Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de ,
Erechim, RS , 2017.

1. Introdução. 2. Desenvolvimento. 3. Resultados e discussão. 4. Conclusão. 5. Referências. I. Mello, Ulisses Pereira de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

HENRIQUE LUIZ ZANIN

**DIFICULDADES ENCONTRADAS POR AGRICULTORES DE SÃO JOÃO DA
URTIGA – RS FRENTE A DIFERENTES SISTEMAS DE PRODUÇÃO: UM
ENFOQUE SISTÊMICO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Erechim – RS.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido pelo aluno e aprovado pela banca em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello

Prof. Dr. Alfredo Castamann

Prof. Dr. Valdecir José Zonin

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à Universidade Federal da Fronteira Sul, pela oportunidade de acessar o ensino superior público e de qualidade. Aos professores Ulisses Pereira de Mello e Douglas Antonio Dias pela atenção e orientação para desenvolver esse trabalho. À toda minha família, namorada e amigos pelo amor, incentivo e apoio incondicional. E a todos aqueles que indireta ou diretamente fizeram parte da minha formação profissional, o meu muito obrigado.

RESUMO

A aplicação do trabalho de conclusão de curso visa reunir e complementar os conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação, levando o acadêmico a confrontar situações vivenciadas a campo pelo profissional Engenheiro Agrônomo, com o conhecimento visto na universidade. Desta forma objetivou-se identificar as principais dificuldades encontradas atualmente por agricultores de São João da Urtiga (RS), apresentar como esses agricultores vêm trabalhando com essas dificuldades e segundo a opinião dos agricultores, expor suas sugestões para sua reprodução (econômica e social) e manutenção no meio rural. As informações foram levantadas através de um formulário semiestruturado e a amostragem é de três propriedades inseridas em sistema de produção de leite, três em sistema de produção de grãos e três em sistema de produção de orgânicos.

Palavras-chave: Sistema de produção, Agricultura familiar, Assistência técnica, Políticas públicas.

ABSTRACT

The application of the course completion work aims to gather and complement the knowledge acquired during the undergraduate course, leading the academic to confront situations experienced in the field by the professional Agronomist, with the knowledge seen in the university. The objective of this study was to identify the main difficulties currently encountered by farmers in São João da Urtiga (RS), to show how these farmers have been working with these difficulties and, according to farmers' opinion, to present their suggestions for their reproduction (economic and social) and maintenance in rural areas. The information was collected through a semi-structured form and the sampling is of three properties inserted in milk production system, three in grain production system and three in organic production system.

Keywords: Production system, Family agriculture, Technical assistance, Public policies

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos membros da família quanto à residência e ao trabalho.....	19
Quadro 2 – Tamanho das unidades de produção e área destinada à produção.....	23
Quadro 3 – Produção de leite média mensal, anual e por vaca/dia.....	24
Quadro 4 - Produção média de grãos das unidades de produção.....	24
Quadro 5 – Produção média de produtos orgânicos das unidades de produção.....	24

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 JUSTIFICATIVA	9
1.2 OBJETIVOS	10
1.2.1 Objetivo geral	10
1.2.2 Objetivos específicos	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
2.1 AGRICULTURA FAMILIAR E SISTEMAS DE PRODUÇÃO	12
2.2 ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL	14
2.3 PERMANÊNCIA DOS AGRICULTORES NO CAMPO	14
2.4 DIFICULDADES ENCONTRADAS POR AGRICULTORES.....	16
3 AS FAMÍLIAS AGRICULTORAS E SEUS SISTEMAS PRODUTIVOS	18
3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS.....	18
3.1.1 Residência, trabalho e escolaridade nas famílias agricultoras	18
3.1.2 Expectativas de sucessão familiar nas unidades de produção	20
3.2 CARACTERIZAÇÃO DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO	23
3.2.1 Aspectos produtivos das unidades de produção	23
3.2.2 Nível tecnológico das unidades de produção	25
3.2.3 Meios para obtenção de informações técnicas.....	26
4 REPRODUÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS: LIMITES E PERSPECTIVAS	28
4.1 LIMITES DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO	28
4.1.1 Sistema de produção de leite.....	28
4.1.2 Sistema de produção de grãos	28
4.1.3 Sistema de produção orgânica.....	29
4.2 PERSPECTIVAS PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES ENCONTRADAS.....	31
4.2.1 Sistema de produção de leite.....	31
4.2.2 Sistema de produção de grãos	32
4.2.3 Sistema de produção orgânica.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A – Formulário	40
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	44

1 INTRODUÇÃO

A história do município de São João da Urtiga (RS) teve início juntamente com o povoamento da região norte do Estado do Rio Grande do Sul, com registros de povoações por agricultores poloneses por volta do ano de 1906. Foi no ano de 1987 que o município teve sua emancipação político-administrativa do município de Paim Filho. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), a população de São João da Urtiga em 2015 era de 4.840 habitantes.

São João da Urtiga (RS) está localizado na região norte do Rio Grande do Sul, possui cerca de 65% de sua população total vivendo no meio rural, com aproximadamente 945 estabelecimentos rurais com uma média de 14,9 hectares por estabelecimento, o que caracteriza um número considerável de agricultores familiares. Vale lembrar também que a economia do município é baseada na atividade agrícola. (CETAP, 2013).

São poucas as pesquisas realizadas no município de São João da Urtiga (RS) referente à agricultura, daí surge à problemática do presente estudo. Também por se tratar de um município pequeno com predominância de pequenos agricultores. Pode-se destacar aqui que o município apresenta relevo acentuado, o que dificulta processos de mecanização e com a falta de métodos conservacionistas de solo é comum observar erosão avançada do solo nas áreas cultivadas. Outro aspecto que me motivou a realizar esse estudo foi o crescente êxodo rural a partir de meados de 1980, assim surgindo a questão de que se esses agricultores estão saindo do campo é porque estão encontrando dificuldades de se reproduzirem econômica e socialmente.

1.1 JUSTIFICATIVA

A execução de trabalhos que avaliem sistemas de produção é muito importante nos dias de hoje, pois a Revolução Verde trouxe grandes modificações nos processos produtivos realizados dentro das unidades de produção agrícola, assim como uma intensificação das relações econômicas com agentes externos da unidade de produção. Este novo cenário exigiu tanto por parte dos agricultores quanto dos agentes externos (organismos de extensão rural e assistência técnica,

cooperativas, bancos, indústrias e outros), um maior conhecimento e domínio dos aspectos econômicos, sociais e produtivos relacionados com as unidades de produção. Sendo assim, cada vez mais a disponibilidade de dados e informações a cerca das atividades agrícolas tornaram-se fundamentais para a gestão e o planejamento das unidades de produção agrícola. (MIGUEL; MACHADO, 2010).

Os estudos sobre os sistemas de produção são importantes segundo Garcia Filho (1995), para contribuição na elaboração de linhas estratégicas de desenvolvimento rural, ou seja, para definições de políticas públicas, programas de ação e projetos. A análise deve trazer respostas a perguntas frequentes, tais como: quais são as práticas técnicas, sociais e econômicas dos agricultores e os seus sistemas de produção; quais são os principais problemas que vêm enfrentando; como se pode contribuir para superar ou diminuir esses problemas e outras.

Além disso, a justificativa deste trabalho vem da possibilidade de se poder gerar uma base de dados e informações que sirvam para uma análise acadêmica em relação à situação atual de algumas unidades de produção inseridas em diferentes sistemas de produção. O trabalho poderá gerar diagnósticos que possam ser usados por agentes ligados à Extensão Rural, sejam estes públicos ou privados.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Identificar as principais dificuldades encontradas atualmente por agricultores do município de São João da Urtiga (RS) nos sistemas de produção de leite, grãos e produção orgânica.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar junto às unidades de produção dados referentes ao número de agricultores familiares que compõem a unidade de produção, bem como o nível de escolaridade dos mesmos;
- Verificar a perspectiva de sucessão familiar nas unidades de produção;
- Analisar as principais fontes de informações técnicas e científicas que as famílias têm acesso;

- Levantar a opinião do agricultor referente às principais dificuldades encontradas nos diferentes sistemas de produção;
- Levantar sugestões dos agricultores para enfrentar estas dificuldades.

1.3 METODOLOGIA

Existem diversas formas de diagnósticos para análises de sistemas de produção, nesse trabalho será utilizada a proposta por Miguel (2010), denominada de Diagnóstico Rural Participativo (DRP), onde foi utilizado um formulário semiestruturado para a realização das entrevistas. Além das questões objetivas, os próprios participantes expressarão suas opiniões sobre a sua situação atual e de que maneira melhorar suas condições econômicas e sociais dentro do sistema de produção em que fazem parte.

Nesse trabalho o que nos interessa em um primeiro momento não é a representatividade estatística da área estudada, mas sim abranger a diversidade de produtores e de sistemas de produção existentes no município. Por esse motivo foram escolhidas unidades de produção e sistemas de produção que revelam essa diversidade.

O estudo foi realizado através de pesquisa de campo, com uma amostragem de nove unidades de produção, sendo três inseridas em sistema de produção de grãos, três em sistema de produção orgânica e três em sistema de produção de leite. A escolha das unidades de produção visitadas foi por indicação de agentes ligados à agricultura e justifica-se a escolha de três unidades de produção por sistema para abordar uma unidade de produção maior, uma média e uma pequena.

A forma de coleta dos dados foi através de um formulário semiestruturado elaborado, que permitiu a análise dos dados obtidos. A aplicação do formulário foi realizada de forma oral em visita à unidade de produção do entrevistado.

Além dos dados obtidos através da entrevista, foi realizada uma caminhada e observação na unidade de produção, bem como troca de ideia com agricultor para obter outras informações para além do formulário. Os dados obtidos foram analisados e discutidos de forma qualitativa.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR E SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Para caracterizarmos sistemas de produção utilizaremos a classificação de Miguel (2010), onde o autor classifica sistema de produção como resultado da interação do sistema social com o sistema natural e é formado pela combinação de sistemas de cultivos e/ou criação, cada um dentro dos limites que cada unidade de produção agrícola dispõe, como força de trabalho, conhecimento técnico, superfície agrícola, equipamentos, capital e outros.

De acordo com Garcia Filho (1995), os produtores rurais trabalham em condições ambientais e socioeconômicas distintas, mesmo em pequenas regiões. Grandes e importantes diferenças podem existir tanto no que se refere ao acesso à terra, aos demais recursos naturais, à informação, aos serviços públicos, aos mercados e ao crédito, quanto no que diz respeito ao nível de capitalização, aos recursos financeiros disponíveis, aos conhecimentos adquiridos, e à disponibilidade de mão-de-obra. Essas diferenças se traduzem em evoluções distintas e em níveis diferenciados de capitalização e também em critérios distintos de tomada de decisões e otimização dos recursos disponíveis.

A evolução de cada tipo de agricultor e de cada sistema de produção é determinada por um conjunto complexo de fatores ecológicos, técnicos, sociais e econômicos que se relacionam entre si. A sociedade pode impor mudanças a cada um desses fatores, podendo ser necessário, por exemplo, aumentar a produção ou a produtividade de algumas atividades agropecuárias ou então limitar os gastos governamentais ou, ainda, diminuir a emissão de poluentes. Essas mesmas necessidades podem induzir alterações na demanda e nos preços dos produtos, acarretando consequências diferentes para cada tipo de sistema de produção e de produtor. A permanência ou o desaparecimento de um determinado tipo de agricultor depende da sua capacidade de se adaptar às mudanças, ou seja, basicamente, do seu conhecimento e de seus resultados econômicos. (GARCIA FILHO, 1995).

No contexto da agricultura familiar a Lei Nº 11.326, de 24 de julho de 2006 definiu o agricultor familiar como aquele que atende aos seguintes aspectos (BRASIL, 2006):

I - Não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais;

II - Utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - Tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

IV - Dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Para Garcia Filho (1995) podem se diferenciar três tipos de agricultores familiares, sendo eles os “agricultores familiares capitalizados”, que acumularam algum tipo de capital, como maquinário e terra e que possuem mais recursos para a produção. Estes obtêm uma renda agrícola satisfatória, que os mantém relativamente afastados do risco de descapitalização e de serem excluídos do processo produtivo. Alguns podem até se transformar, com o tempo, em produtores patronais, à medida que aumentem a área de sua unidade de produção ou que introduzam sistemas de produção que exijam mão-de-obra assalariada. O segundo tipo é o dos “agricultores familiares em capitalização”, cujo nível de renda pode, em situações favoráveis, permitir alguma acumulação de capital, mas não garante ainda uma estabilidade em longo prazo. Por fim, temos os “agricultores familiares em descapitalização”, cujo nível de renda é insuficiente para assegurar a manutenção da unidade de produção e a subsistência da família. Nessa última categoria encontram-se os agricultores tradicionais em descapitalização real e produtores que buscam rendas externas para sobreviver, como trabalho assalariado temporário, atividades complementares permanentes, trabalho urbano de alguns membros da família, aposentadorias e outros recursos.

Segundo Schneider (2001), a inserção de pluriatividades nas unidades de produção pode ser uma estratégia para a agricultura familiar viabilizar sua reprodução econômica e social. Porém, essa viabilização depende de um conjunto de fatores relacionados a condicionantes internos, como o ciclo demográfico, influências do exterior, pressões do mercado de trabalho, entre outros aspectos.

Delgado (2012) pontua que existe uma seleção nos clientes que demandam crédito rural, com o surgimento desses clientes preferenciais representados por empresários rurais ligados a atividades econômicas integradas com a indústria, comércio exterior, serviços e outras. Esses contando com massas de lucros consideráveis para negociar com os bancos, podem se beneficiar na aquisição de crédito rural, com taxas de juros, prazos e condições diferenciadas que não são acessíveis aos agricultores familiares, ficando estes que seriam os mais

necessitados de benefícios junto ao crédito rural mais desassistidos que os grandes proprietários de terra.

Guilhoto et al. (2006) destacaram a importância da agricultura familiar fazendo uma análise do Produto Interno Bruto (PIB) gerado pelo agronegócio familiar, onde a região Sul do Brasil se destaca na produção familiar. Em 2004, o PIB nacional do agronegócio familiar atingiu cerca de R\$ 181 bilhões, dos quais aproximadamente 44% estavam concentrados nos três estados do Sul, e metade deste especificamente no Estado do Rio Grande do Sul.

Isso se dá pela região Sul possuir algumas peculiaridades, como as formas de colonização e a herança cultural de povos europeus. Os produtores de menor porte econômico sofrem dificuldades em se apropriar de tecnologias, devido ao seu baixo grau de capitalização, sendo dessa forma excluídos em maior proporção dos processos produtivos. (NAVARRO; PEDROSO, 2014).

2.2 ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

O termo extensão rural possui amplo sentido. Os conceitos evoluíram com o passar do tempo, juntamente com as mudanças conjunturais e na estrutura socioeconômica e cultural de cada país. Proponho aqui que extensão rural possa ser conceituado de três formas: a) como processo, que significa a ação de transmitir os conhecimentos obtidos pela pesquisa ao público rural; b) como organização, que se refere às instituições, entidades ou organizações públicas prestadoras de serviços de assistência técnica e extensão rural nos estados e, por fim, c) como política pública, neste caso refere-se às políticas de extensão rural que são propostas pelos governos federais, estaduais e municipais, estas podem ser executadas por organizações públicas e/ou privada. (PEIXOTO, 2008).

As ações de extensão rural no Brasil foram institucionalizadas nacionalmente há mais de 50 anos. O tema da extensão rural está em constante discussão e há diversos estudos no Brasil e no mundo, enfocando aspectos históricos, modelos, sistemas, metodologia de ação, formas de organização e casos diversos.

2.3 PERMANÊNCIA DOS AGRICULTORES NO CAMPO

O elemento chave considerado pelos produtores para permanência do homem no campo é a renda agrícola obtida por cada membro ativo da família. Se as

oportunidades de trabalho existentes fora da unidade de produção oferecerem um melhor aporte de renda do que a obtida na produção agrícola, a tendência será que esse agricultor procure novas oportunidades e abandone a unidade de produção. Se ocorrer o contrário e a renda agrícola for superior à que poderia ser obtida fora da unidade de produção, o produtor tenderá a se manter na produção agrícola e, se possível, a acumular algum tipo de capital. (GARCIA FILHO, 1995).

Os produtores familiares buscam melhorar a renda familiar ou, mais precisamente, a renda por ativo familiar. Quando o fator limitante da produção for a mão-de-obra disponível, os produtores provavelmente optarão por sistemas mais extensivos, que utilizam equipamentos e máquinas e que reduzem o trabalho por unidade de área. Se esse fator for a área disponível, os agricultores buscarão sistemas de produção mais intensivos, em geral mais exigentes em mão-de-obra, que aumentam a produtividade por unidade de área como, por exemplo, a horticultura, fruticultura e criações intensivas. (GARCIA FILHO, 1995).

Em situações muito adversas ou instáveis, os produtores podem procurar, sobretudo, garantir a segurança alimentar da família ou minimizar os riscos frente a fortes variações de safra ou de preço. Valendo-se de racionalidades socioeconômicas distintas, os produtores fazem escolhas diferentes no que se refere às culturas, às criações, às técnicas, às práticas agrícolas e econômicas. Nem todos adotam o mesmo sistema de produção e as mesmas formas de exploração do ecossistema. (GARCIA FILHO, 1995).

O processo de desagregação social e o decrescente número de pequenas unidades de produção no meio rural brasileiro, tem trazido importantes desafios para a manutenção e evolução das condições de vida sob produção familiar, devido ao crescente estreitamento de suas margens econômicas e pelas mudanças na expectativa de vida, como por exemplo, o abandono do meio rural pela juventude. (CHRISTOFFOLI et al., 2013).

Para Schneider e Cassol (2014), as maiores implicações para fomento de políticas públicas voltadas a pequenos agricultores no Brasil é a falta de análises específicas, onde o autor destaca que essa classe de produtores precisa encontrar alternativas e meios de vida, mesmo sendo em atividades não agrícolas, tendo a sua disposição políticas públicas diferenciadas com variadas opções.

2.4 DIFICULDADES ENCONTRADAS POR AGRICULTORES

O Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP) realizou entre os anos de 2004 e 2008, um trabalho em uma comunidade do município de São João da Urtiga (RS), o mesmo foi realizado na comunidade da Linha Dez, que está localizada a 10 km da sede do município, sendo o contexto do trabalho citado referente ao desenvolvimento rural. Os primeiros passos do projeto aconteceram por meio de um diagnóstico da comunidade, onde foram levantadas informações econômicas, produtivas, sociais, organizativas, ambientais e estruturais. As discussões feitas a partir do diagnóstico se realizaram por meio de reuniões com lideranças locais. (CETAP, 2013).

Os temas de ações definidas como prioritárias na comunidade da Linha Dez foram: Problemas com escassez de água, onde as famílias manifestaram dificuldades de abastecimento de água em suas residências durante os períodos de verão e estiagem, comprometendo a saúde das pessoas e a sobrevivência dos animais; baixa fertilidade dos solos, por conta do manejo inadequado dos solos, se observava claramente a erosão, bem como a baixa fertilidade, exigindo a reposição de minerais, que era feita na maioria das vezes com adubos sintéticos de alta solubilidade e de alto custo. Outro problema identificado pelos agricultores era a baixa renda e o elevado custo de produção nas atividades agropecuárias (CETAP, 2013).

No ano 2000 foi demandada uma pesquisa pela Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, denominada, “Avaliação e Caracterização dos Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul”. Esta teve como objetivo definir recomendações políticas de desenvolvimento da agricultura que respeitassem sua diversidade. Para este trabalho o Estado foi dividido em regiões, mais ou menos homogêneas, segundo os seus sistemas agrários, e São João da Urtiga está inserido na região denominada “Colônias Novas”. (SILVA NETO, 2009).

Os resultados da pesquisa obtidos na análise dos municípios da região das Colônias Novas indicaram que a mesma encontra-se em uma situação crítica. Os seus sistemas de produção, cujo principal componente é a cultura da soja, já não conseguem assegurar a reprodução social de uma ampla parcela dos agricultores dessa região, ao mesmo tempo, para desenvolver atividades mais intensivas, que

proporcionasse um aumento na renda dos agricultores, estes necessitam de um capital que não dispõem. (SILVA NETO, 2009).

Conterato et al. (2014), realizaram um estudo, onde caracterizaram como custos intermediários de produção os custos com aquisição de adubos, corretivos de solo, sementes, agrotóxicos, rações, compra de animais, e aluguel de máquinas. Os autores constataram que os agricultores familiares da região Sul do Brasil são os que mais possuem despesas em seus processos de produção com custos intermediários. Resultado disso é que esses agricultores ficam muito dependentes de agentes externos da unidade de produção, dificultando assim o desenvolvimento da unidade de produção, pois se tratam de pequenos agricultores onde a escala produtiva é limitada, impactando diretamente no lucro auferido.

Deponti e Schneider (2013) identificaram, entre os desafios encontrados por produtores de fumo do município de Dom Feliciano (RS), a alta vulnerabilidade econômica e social das famílias, bem como a alta jornada de trabalho, chegando a trabalhar 12 horas diárias, sem obter retorno financeiro esperado. Nesse mesmo trabalho os autores concluíram que, para propor projetos de alternativas aos agricultores, é preciso realizar estudos como análise prévia de mercado e necessidades de adequação dos agricultores, para que o produtor não sofra consequências como endividamento, dificuldade de escoamento de produção ou falta de mercados previamente definidos e analisados.

3 AS FAMÍLIAS AGRICULTORAS E SEUS SISTEMAS PRODUTIVOS

Para facilitar a visualização e a comparação dos dados, ficam definidas as unidades de produção 1, 2 e 3 como a amostragem referente ao sistema de produção de leite, as unidades de produção 4, 5 e 6 referentes ao sistema de produção de grãos e as unidades de produção 7, 8 e 9 referentes ao sistema de produção de orgânicos. Abaixo serão caracterizadas as famílias agricultores e seus sistemas de produção.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS

3.1.1 Residência, trabalho e escolaridade nas famílias agricultoras

No Quadro 1 abaixo podemos observar que o sistema de produção de orgânicos é o sistema de produção em que quase todos os membros familiares trabalham integralmente nas unidades de produção, com apenas um membro familiar trabalhando fora da unidade de produção. Vale também destacar que esse sistema de produção trabalha com uma área disponível para produção menor que as áreas disponíveis para produção nos sistemas de produção de leite e no sistema de produção de grãos, sendo necessário um maior número de trabalhadores por hectare cultivado comparando-se com os outros sistemas.

Do total de 30 membros residentes nas unidades de produção, seis trabalham fora da mesma, isso equivale a 20%. Dados de Schneider e colaboradores (2009) apontam que o espaço rural gaúcho revela uma nova função para além da produção primária, onde em 2004 cerca de 15% da população rural gaúcha residiam no meio rural mas não trabalhavam nas unidades de produção. Assim, podemos dizer que vem aumentando ano após ano o número de pessoas que residem no meio rural e não trabalham exclusivamente com atividades agrícolas.

Quadro 1 – Características dos membros da família quanto à residência e ao trabalho

Sistema de produção de leite	Membros residentes nas unidades de produção	Membros que trabalham integralmente nas unidades de produção
Unidade de produção 1	4	3
Unidade de produção 2	5	3
Unidade de produção 3	3	3
Sistema de produção de grãos		
Unidade de produção 4	2	1
Unidade de produção 5	3	2
Unidade de produção 6	3	3
Sistema de produção de orgânicos		
Unidade de produção 7	4	3
Unidade de produção 8	3	3
Unidade de produção 9	3	3

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No que se refere à escolaridade dos membros familiares constatou-se que no sistema de produção de leite dos membros residentes nas três unidades de produção visitadas, cinco possuem 2º grau completo, quatro possuem 1º grau incompleto e os outros três ficam um com 1º grau completo, um com 2º grau completo com técnico e um com ensino superior completo.

No sistema de produção de grãos, dos oito membros residentes nas três unidades de produção visitadas, seis possuem 1º grau incompleto, um com 1º grau completo e um com superior incompleto.

No sistema de produção de orgânicos, dos dez membros familiares residentes nas três unidades de produção visitadas, seis membros possuem 1º grau incompleto, três possuem 2º grau completo e um possui 1º grau completo.

Observando a escolaridade dos agricultores, pode-se constatar a grande predominância com 16 dos 30 membros residentes nas nove unidades de produção visitadas possuem 1º grau incompleto, ficando evidente o baixo nível de escolaridade presente nas unidades de produção analisadas.

3.1.2 Expectativas de sucessão familiar nas unidades de produção

3.1.2.1 Sistema de produção de leite

Nessa parte do formulário perguntei as famílias qual era a perspectiva de sucessão familiar na unidade de produção. No sistema de produção de leite verificou-se que a unidade de produção 1 que trabalha com grãos além do leite, onde os filhos tocam a produção de grãos e os pais a produção de leite, a mesma possui alta expectativa de sucessão familiar. Porém, não com a produção de leite, apenas com grãos. O motivo seria a alta instabilidade da cadeia leiteira e por dispor de todos equipamentos para produção de grãos.

Na unidade de produção 2 há pouca expectativa de sucessão familiar na unidade de produção, onde a família relatou que não acredita que seus filhos seguirão na agricultura, pois a família vê o tamanho da unidade de produção como entrave.

Na unidade de produção 3 é alta a perspectiva de sucessão familiar na unidade de produção, a família relatou que acredita na valorização da agricultura familiar e uma futura estabilidade e valorização da cadeia leiteira.

Como na unidade de produção 1 a perspectiva de sucessão familiar é alta, porém não com leite, podemos dizer que a unidade de produção 3 é a única unidade de produção visitada do sistema de produção de leite que possui alta perspectiva de sucessão familiar na unidade de produção. Podemos trazer aqui para análise, dados já apresentados, como a mesma é a unidade de produção que trabalha com maior número de vacas, comparando com as unidades de produção 1 e 2, é a única unidade de produção desse sistema onde todos os membros familiares trabalham na unidade de produção. O filho, que é quem pretende ficar na unidade de produção, o

mesmo possui um nível de escolaridade que é o segundo grau completo com técnico, ou seja, possui uma formação técnica voltada à agricultura (técnico agrícola). E é a unidade de produção que apresenta maior média de produção de leite por vaca/dia.

Outro dado que não foi apresentado ainda e vale ressaltar, é que a unidade de produção 3 é a única que contrata consultoria particular, essa auxilia na tomada de decisões na hora da compra de insumos, analisando se realmente é necessário ou não.

Isso não quer dizer que um maior nível de instrução resulta em melhores condições de vida ou maiores rendimentos, mas, de acordo com Schneider et al. (2009), a possibilidade de acesso a níveis mais elevados de instrução ou mesmo uma educação de melhor qualidade, associada a outros aspectos, pode significar melhores chances para inovar e diversificar as fontes de ingresso monetário.

3.1.2.2 Sistema de produção de grãos

No sistema de produção de grãos, das três unidades de produção visitadas temos duas com pouca perspectiva de sucessão familiar. A unidade de produção 4 é uma delas, pois vê o tamanho da área como limitante.

A unidade de produção 5 relatou também que há pouca expectativa de sucessão familiar na unidade de produção, o motivo seria o tamanho da área e por não dispor de nenhum equipamento para produção de grãos.

Na unidade de produção 6 o caso se inverte, a mesma possui alta perspectiva de sucessão familiar e o motivo suscitado pela família seria por dispor de uma área considerável e todas máquinas e implementos necessários para produção de grãos.

3.1.2.3 Sistema de produção orgânico

Já no sistema de produção de produtos orgânicos, todas as famílias possuem alta perspectiva de sucessão familiar nas unidades de produção, os motivos seriam na unidade de produção 7, que a família acredita na valorização crescente da agricultura familiar e do mercado de orgânicos, a unidade de produção 8, vê a demanda por produtos de qualidade crescendo e assim surgindo maiores possibilidades de expandir a produção, a unidade de produção 9, vê as pequenas

unidades de produção cada vez mais necessárias e valorizadas, acredita também que a tendência do mercado de orgânicos é crescer.

Se compararmos a perspectiva de sucessão familiar dos sistemas de produção de grãos com o sistema de produção de orgânicos percebemos que as duas unidades de produção inseridas no sistema de produção de grãos que possuem pouca perspectiva de sucessão familiar, são pequenas unidades de produção e a única unidade de produção desse sistema de produção que possui alta expectativa de sucessão familiar possui uma área considerável (140 ha). Já no sistema de produção de orgânicos todas as famílias visitadas possuem alta perspectiva de sucessão familiar nas unidades de produção, vale aqui ressaltar que as três são pequenas unidades de produção, com área disponível para cultivo menor até que as unidades de produção com pouca perspectiva de sucessão familiar das unidades de produção inseridas no sistema de produção de grãos.

Em uma investigação desenvolvida pelo Departamento de Ciências Sociais Agrárias da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), juntamente com o programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde foram investigadas quatro regiões do estado do Rio Grande do Sul e dentre elas a região do Alto Uruguai, buscava saber a expectativa de sucessão hereditária na agricultura familiar. Nessa pesquisa o autor verificou que entre as 2.500 unidades de produção entrevistadas no Estado, 47,1% das mesmas possuem possível sucessor, 34% não possuem nenhum sucessor e 18,9% não souberam informar. (ANJOS; CALDAS; COSTA, 2006).

Quando os agricultores justificam a alta perspectiva de sucessão familiar na unidade de produção, pois acreditam em valorização ou em outras palavras que os pequenos produtores terão muitas oportunidades futuras, vai de encontro com a opinião de Mior (2009). O autor destaca que a tendência da pequena unidade de produção é de muitas oportunidades futuras, as áreas rurais que mantém uma reserva de formas econômicas baseadas na agricultura tradicional, podem ser o melhor território para aproveitar as novas oportunidades econômicas. Desta forma, áreas que tem avançado nos modos de produção direcionada à indústria, baseada na forte especialização rural e padrões de produção, dirigidas para grandes empresas, podem não se beneficiar das novas condições econômicas.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO

3.2.1 Aspectos produtivos das unidades de produção

O quadro 2 abaixo mostra o tamanho das propriedades pesquisadas, bem como a área destinada para produção e em específico no sistema de produção de leite o número de vacas que cada unidade trabalha.

Quadro 2 – Tamanho das unidades de produção e área destinada à produção.

Sistema de produção de leite	Tamanho da unidade de produção (ha)	Área destinada à produção (ha)	Número de vacas
Unidade de produção 1	34	8	18
Unidade de produção 2	30	20	30
Unidade de produção 3	27,3	17	50
Sistema de produção de grãos			
Unidade de produção 4	8,2	20*	-
Unidade de produção 5	13,6	11	-
Unidade de produção 6	140	92	-
Sistema de produção de orgânicos			
Unidade de produção 7	7,5	1,5	-
Unidade de produção 8	12,5	1,8	-
Unidade de produção 9	13	5	-

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nota: * 11,8 ha são arrendados.

Nos quadros 3, 4 e 5 abaixo, mostram as produções médias das propriedades pesquisadas.

Quadro 3 – Produção de leite média mensal, anual e por vaca/dia.

Produção	Unidade de produção 1	Unidade de produção 2	Unidade de produção 3
Produção média mensal (Litros)	7.000	15.000	36.000
Produção média anual (Litros)	84.000	180.000	432.000
Produção média (Litros/vaca/dia)	12,9	16,6	24

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Quadro 4 - Produção média de grãos das unidades de produção.

Produção	Unidade de produção 4	Unidade de produção 5	Unidade de produção 6
Soja (Sacas/ha)	68	52	68,4
Milho (Sacas/ha)		100	
Trigo (Sacas/ha)			48
Feijão (Sacas/ha)		32	
Aveia (Sacas/ha)			58

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Quadro 5 – Produção média de produtos orgânicos das unidades de produção.

Produção	Unidade de produção 7	Unidade de produção 8	Unidade de produção 9
Alface (Pés/ano)	2400	2400	1200
Caqui (Kg/ano)	4000		30000
Pêssego (Kg/ano)	2000		
Banana (Kg/ano)		3000	
Laranja (Kg/ano)		10000	

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Além desses produtos citados as unidades de produção produzem outros produtos que não souberam informar a quantidade, como a unidade de produção 7 que produz além dos produtos citados mandioca e tomate, a unidade de produção 8 mandioca e está iniciando uma produção de manga e a unidade de produção 9 uva e tomate.

3.2.2 Nível tecnológico das unidades de produção

3.2.2.1 Sistema de produção de leite

As unidades de produção visitadas inseridas no sistema de produção de leite apresentam alto nível tecnológico, onde as três unidades de produção utilizam tração motomecanizada e implementos, as unidades de produção 1 e 3 utilizam adubos orgânicos e de síntese química, a unidade de produção 2 utiliza exclusivamente adubos de síntese química e as três unidades de produção fazem o uso de agrotóxicos.

Quando perguntei as famílias da cadeia leiteira se haviam alguma observação para fazer sobre o nível tecnológico das unidades de produção, as três unidades de produção ressaltaram o alto custo de produção e a dependência da compra de insumos para produzir um produto de qualidade e ser mais valorizado na hora da venda.

3.2.2.2 Sistema de produção de grãos

No sistema de produção de grãos o nível tecnológico das unidades de produção pesquisadas ficou médio/alto, onde as unidades de produção 4 e 6 utilizam tração motomecanizada e implementos e a unidade de produção 5 faz uso de tração animal e/ou trabalho manual e alguma motomecanização.

A unidade de produção 4 utiliza exclusivamente adubos de síntese química enquanto as unidades de produção 5 e 6 utilizam além de adubos de síntese química uma parte de origem orgânica. As três unidades de produção registraram uso de agrotóxicos. Aqui as unidades de produção 4 e 5 fizeram uma observação em comum que foi o alto custo geral da produção.

Para Silva (2003), o processo de modernização da agricultura, refletiu no crescimento do consumo intermediário das unidades de produção rurais. Isso indica a crescente dependência da agricultura na compra de insumos para produção de suas mercadorias. Isso se evidencia nos dados de Ribeiro e Gheventer (1983), a partir das estimativas de Kageyama (1986) apud Silva (2003), que mostram a evolução do consumo intermediário expresso em porcentagem do valor bruto da produção: de 10% em 1939 passa para 14,3% no final dos anos 50, daí para 21,5% em 1965, 34,4% em 1975 e quase 40% em 1980. Percebe-se acentuação na taxa de crescimento do consumo intermediário das unidades de produção rurais a partir de 1960, período conhecido como industrialização da agricultura.

3.2.2.3 Sistema de produção orgânico

Nas unidades de produção visitadas inseridas no sistema de produção orgânico observou-se um médio/baixo nível tecnológico das unidades de produção, onde as três unidades de produção registraram uso de tração animal e/ou trabalho manual e alguma motomecanização, utilização de adubos de origem orgânica e uso de produtos alternativos de controle.

As unidades de produção 7 e 9 destacaram que ainda existe alguma dificuldade em encontrar alguns produtos, o que faz com que os agricultores optem por produzi-los em suas unidades de produção, isso aumenta a autonomia das unidades de produção, deixando as mesmas menos dependentes de compra de produtos para produção.

A família da unidade de produção 8 salientou que trocou a produção convencional pela produção orgânica devido ao alto custo dos insumos e a sua dependência para produzir.

3.2.3 Meios para obtenção de informações técnicas

3.2.3.1 Sistema de produção de leite

As unidades de produção visitadas inseridas no sistema de produção de leite obtém informações técnicas de variadas fontes. A unidade de produção 1, obtém através da EMATER, empresas privadas (assistência e venda) e programas de

televisão. A unidade de produção 2, obtém informações técnicas apenas de empresas privadas e a unidade de produção 3 através da Emater, empresas privadas e consultoria particular. Aqui podemos observar que a única fonte de obtenção de informações técnicas presentes nas três unidades de produção é através das empresas privadas que prestam assistência e fornecem insumos para produção através da venda.

3.2.3.2 Sistema de produção de grãos

No sistema de produção de grãos a unidade de produção 4, ressaltou que obtém informações técnicas através do contato com outros agricultores, empresas privadas (assistência e venda), internet e participação de dias de campo.

A unidade de produção 5 obtém informações técnicas exclusivamente de empresas privadas e a unidade de produção 6 através de contato com outros agricultores e empresas privadas. Aqui se repete o caso do sistema de produção de leite, onde a única fonte de informações técnicas presente nas três unidades de produção é através das empresas privadas.

3.2.3.3 Sistema de produção orgânico

Já no sistema de produção de orgânicos as três unidades de produção visitadas obtém informações técnicas através do contato com outros agricultores e com o CETAP. Além destas, as unidades de produção 8 e 9 obtém através da participação de dias de campo. Aqui podemos observar que não existe um modelo de assistência técnica voltada à venda de insumos como é nos casos dos sistemas de produção de grãos e leite.

4 REPRODUÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS: LIMITES E PERSPECTIVAS

4.1 LIMITES DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO

4.1.1 Sistema de produção de leite

Para as unidades de produção entrevistadas do sistema de produção de leite uma dificuldade encontrada esteve presente nas três unidades de produção: a instabilidade da cadeia, o que causa uma variação constante de preço do produto. Além disso, a família da unidade de produção 1 relatou que outra dificuldade é produzir o leite com a qualidade exigida pela empresa com quem comercializa o produto e também destacou a dificuldade de encontrar empresas idôneas para trabalhar.

Para a família da unidade de produção 2 outra dificuldade encontrada é o alto custo e a dependência dos insumos para produção. Para os agricultores da unidade de produção 3 as dificuldades encontradas pela família são a falta de mão-de-obra e assistência técnica por parte dos órgãos públicos, pois não acreditam na assistência técnica baseada na venda de insumos.

4.1.2 Sistema de produção de grãos

Segundo os agricultores entrevistados inseridos no sistema de produção de grãos as maiores dificuldades encontradas na unidade de produção 4 são a taxa elevada dos juros em financiamentos, alto custo e a dependência dos insumos para produção, instabilidade dos preços e as perdas por catástrofes naturais.

Para os agricultores da unidade de produção 5, as maiores dificuldades seriam o modelo de assistência técnica voltada a venda, deixando o produtor todo ano numa constante compra de insumos, aumentando bastante o custo de produção. Relatou também como dificuldade o declive da área e a falta de incentivos por parte dos órgãos públicos aos pequenos produtores.

Na unidade de produção 6 as maiores dificuldades são a variação dos preços, no modelo de assistência técnica voltada a venda de insumos e a falta de infraestrutura.

4.1.3 Sistema de produção orgânica

Os produtores de produtos orgânicos possuem uma dificuldade comum presente nas três unidades de produção pesquisadas: a falta de mercados próximos para comercializar os seus produtos, sendo que tem que se deslocar até Passo Fundo (RS) a 120 km de distância para conseguir vender seus produtos em feiras.

A família da unidade de produção 7 aponta que as dificuldades encontradas são a falta de tecnologias para produção em pequena escala para reduzir o trabalho manual, a falta de infraestrutura e a falta de incentivos por parte dos órgãos públicos, como linhas de crédito diferenciadas e assistência técnica geral (produção, logística, gestão) ao produtor.

Para a família da unidade de produção 8 as dificuldades encontradas são de falta de mão-de-obra, infraestrutura precária, dificuldades de logística e falta de assistência técnica mais próxima dos agricultores.

Na família da unidade de produção 9 as principais dificuldades são a falta de mão-de-obra e a falta de incentivo por parte dos órgãos públicos aos pequenos produtores.

Segundo Silva (2003), para maior tecnificação dos pequenos agricultores que carecem de tecnologias apropriadas, o autor destaca a necessidade de maiores investimentos e melhor direcionamento nas políticas de pesquisa, assistência técnica e extensão rural que atendam exclusivamente pequenos produtores, incentivos à produção e à difusão de máquinas menores (menos potentes) que se adaptem às menores escalas de produção, desenvolvimento de formas cooperativas de utilização de máquinas agrícolas e financiamentos com juros diferenciados quando se trata de crédito rural a pequenos produtores.

4.1.1.1 Como os agricultores estão enfrentando essas dificuldades atuais

Para enfrentar esse quadro de dificuldades, no sistema de produção de leite, os produtores da unidade de produção 1 diminuem as dificuldades encontradas

através da produção de grãos (essa representa cerca de 50% da renda total da unidade de produção), também alugando suas máquinas e implementos para terceiros e através do uso intensivo de insumos e algum manejo conseguem produzir a qualidade exigida pela empresa e assim sendo mais valorizado na hora da venda.

A família da unidade de produção 2 diminui essas dificuldades complementando a renda através da extração de eucalipto e seguindo as exigências da empresa com quem comercializa o produto, sendo assim mais valorizado seu produto.

Para os agricultores da unidade de produção 3 a consultoria particular é o que mais ajuda para diminuir as dificuldades encontradas, onde o produtor consegue com um maior manejo diminuir o uso de insumos, produzindo leite com a qualidade exigida pela empresa e aumentando a produtividade por animal.

Para os produtores entrevistados inseridos no sistema de produção de grãos, a família da unidade de produção 4 diminui as dificuldades encontradas através do trabalho em sociedade ou trocando serviços com outros agricultores, realizando pesquisa por insumos de menor preço e trabalhando com o zoneamento da região.

Os produtores da unidade de produção 5 reduzem as dificuldades encontradas através da produção de alimentos primários (carnes, legumes, leite, ovos e outros) para consumo da família e também através da comercialização de algum excedente (açúcar mascavo e outros).

Segundo a família da unidade de produção 6 uma forma de reduzir as dificuldades é tentando diminuir o custo da produção sem comprometer a produtividade, realizando a compra antecipada de insumos, realizando gestão da unidade de produção e fazendo serviços para terceiros.

Entre as opiniões dos agricultores inseridos no sistema de produção de orgânicos sobre como os mesmos trabalham com as dificuldades encontradas, temos a unidade de produção 7, essa reduz as dificuldades através da produção de alimentos primários para consumo da família, tendo aporte de renda toda semana (realização de feiras) e produzindo diversidade de produtos para comercialização.

A unidade de produção 8 diminui as dificuldades através da redução do custo de produção, tendo seu produto mais valorizado na venda, tendo aporte financeiro toda semana e produzindo alimentos para o consumo primário da família.

Na unidade de produção 9 os produtores trabalham com as dificuldades semelhante com as outras duas unidades de produção, produzindo todo o consumo primário da família e tendo aporte financeiro semanalmente.

Aqui podemos perceber a grande importância em trabalhar com uma produção diversificada, sendo que as três unidades de produção pesquisadas desse sistema de produção relataram que diminuem as dificuldades encontradas através do aporte financeiro semanalmente, ou seja, toda semana entra dinheiro na unidade de produção, não ficando restrito a uma ou duas safras no ano.

Das nove unidades de produção visitadas, quatro reduzem as dificuldades encontradas através da produção de alimentos primários para consumo da família. O que queremos destacar aqui é que essas quatro unidades de produção são as com menores áreas visitadas, sendo três inseridas no sistema de produção de orgânicos e uma no sistema de produção de grãos.

Alguns autores apontam a importância da produção de alimentos para autoconsumo como Gazolla (2009). Em uma pesquisa realizada na região do Alto Uruguai gaúcho o autor constatou a importância da produção para autoconsumo da agricultura familiar da presente região, onde cerca de 20% de todos os alimentos produzidos nas unidades de produção nela permanecem para consumo da família. Esse dado esclarece a importância da produção visando o autoconsumo para reprodução econômica e social dos agricultores familiares.

Carneiro (2009) também destaca a importância da produção para autoconsumo dos agricultores familiares da região Sul do Brasil, onde a autora diz que é fundamental reconhecer o papel da agricultura como fornecedora de alimentos para a própria família, talvez uma de suas funções mais vitais.

4.2 PERSPECTIVAS PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES ENCONTRADAS

4.2.1 Sistema de produção de leite

Entre as propostas para o futuro apresentadas pelos agricultores pesquisados inseridos no sistema de produção de leite, uma esteve presente nas três famílias: a assistência técnica especializada através de órgão público, para auxiliar os

agricultores em toda produção até a tomada de decisões para assim poderem maximizar os lucros.

A família da unidade de produção 1 sugere melhorias na infraestrutura, os produtores da unidade de produção 2 propuseram políticas públicas voltadas a pequenos agricultores e disponibilização de máquinas para uso exclusivo da agricultura familiar.

Para a família da unidade de produção 3, as sugestões foram máquinas para uso da agricultura familiar e políticas públicas voltadas para pequenos agricultores e exclusivas de produtores de leite, ações que ajudariam a diminuir as dificuldades encontradas.

4.2.2 Sistema de produção de grãos

O caso se repete nas sugestões dos agricultores produtores de grãos, onde novamente está presente nas três unidades de produção visitadas a sugestão da assistência técnica disponibilizada por órgão público e que não seja voltada a venda.

Além desta, a família da unidade de produção 4 acredita que com garantia de preços mínimos e menores taxas de juros em financiamentos pode-se diminuir as dificuldades encontradas.

Já para a família da unidade de produção 5, seriam necessárias melhorias na infraestrutura, políticas públicas voltadas a pequenos agricultores e disponibilização de máquinas para uso em pequenas unidades de produção.

Para os agricultores da unidade de produção 6, é necessário garantia de preços mínimos nos produtos, melhoria na infraestrutura e políticas públicas que favoreçam os agricultores e não as grandes empresas.

4.2.3 Sistema de produção orgânica

Presente nos dois sistemas de produção já apresentados (leite e grãos) para os produtores de orgânicos a sugestão presente nas três unidades de produção visitadas novamente foi de dispor de assistência técnica através de órgão público, para auxiliar os produtores não só na produção, mas também na logística e gestão da unidade de produção.

Os agricultores da unidade de produção 7 veem como uma sugestão também a formação de políticas públicas que favoreçam os pequenos produtores e se possível exclusiva a produtores de produtos orgânicos.

A família da unidade de produção 8 sugere políticas públicas que incentivem a agricultura familiar e a produção de orgânicos, bem como acesso exclusivo à mercados como a merenda escolar.

Na unidade de produção 9 as sugestões feitas pelos agricultores também são de políticas de incentivo à pequenos produtores, melhorias na infraestrutura (acessos e estradas) e acesso exclusivos à mercados.

As políticas agrícolas no Brasil desde o pós-guerra buscam estimular a oferta de produtos agrícolas (via crédito subsidiado) ou por meio de políticas específicas (políticas de produtos e programas regionais). A partir de meados de 1970 as políticas agrícolas passaram a ter uma diferenciação por tipo de produtor (pequeno, médio e grande), ofertando taxas de juros distintas para empréstimos do crédito rural, porém, isso está longe de atender a extrema diversidade social existente de produtores e também dos distintos papéis da pequena produção na organização agrária. (SILVA, 2003).

Delgado (2012), cita que seria necessário uma nova estruturação da economia agrária, mais articulada com o mercado interno e também mais ligada às políticas públicas promotoras da igualdade, isso proporcionaria uma redistribuição do excedente financeiro, atendendo melhor os pequenos produtores.

Silva (2003) sugere que junto às políticas agrárias é preciso uma estratégia mais ampla de combate à pobreza rural do país, deve-se investir mais em infraestrutura para o meio rural, estimular a instalação de agroindústrias e indústrias de pequeno porte, tanto para aumentar o valor agregado da produção como para absorver força de trabalho, especialmente dos jovens. É preciso também ampliar a noção rural para além da produção agrícola e incluir no espaço agrário a produção de serviços (lazer, turismo, preservação ambiental) e de bens não-agrícolas (moradia, transporte, artesanato).

É a partir de um conjunto articulado de políticas estruturais e assistenciais que se encontram a base de uma política de desenvolvimento rural que tenha como objetivo central o combate à pobreza do campo. (SILVA, 2003).

Para finalizar a discussão, concordo com Kageyama (2009), onde a autora pontua que as transformações no meio rural nas últimas décadas vão muito além

das mudanças na composição das ocupações (empregos) e da renda das famílias agrícolas, mas redirecionam as próprias trajetórias do desenvolvimento.

Essas direções do desenvolvimento podem caminhar para lados opostos, como mostra Kageyama (2009), onde a autora identifica uma área na região Noroeste do Rio Grande do Sul em que predomina uma agricultura familiar empobrecida e em condições de vida menos favoráveis, que se especializou na produção “modernizada” de soja, essa trajetória resultou em menores valores de renda e baixo índice de nível de vida. Na região de Caxias do Sul (RS), caracteriza-se uma agricultura familiar próspera, ligadas à agroindústrias e com produção diversificada que desfruta de altos valores de renda, escolaridade e nível de vida.

Talvez uma alternativa para diminuir as dificuldades encontradas pelos agricultores de São João da Urtiga e incentivar os mesmos e principalmente os mais desacreditados da produção agrícola, seria incentivá-los a trabalhar com diversificação de produção, com ligação próxima à agroindústrias. Porém, como citam Andrade e Alves (2013), alguns entraves foram identificados por agricultores familiares cooperados à Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Rubiataba (COOMAFAR), localizada no município de Rubiataba (GO). No que se refere aos entraves encontrados para diversificação de produção, os mais citados foram a falta de incentivo por parte dos poderes públicos, a carência de assistência técnica e a escassez de mão-de-obra. Fica evidente que órgãos particulares não vão se interessar em incentivar os agricultores a partir da diversificação e diferenciação, ficando para o poder público pensar e agir de modo que atenda essa leva de pequenos agricultores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas e distintas as dificuldades encontradas por agricultores de São João da Urtiga (RS) nos seus sistemas de produção, algumas ganham destaque como no sistema de produção de leite a instabilidade da cadeia, no sistema de produção de grãos o alto custo de produção e no sistema de produção de orgânico a falta de mercados próximos.

Entre as propostas para o futuro, as quais os agricultores acreditam que possam reduzir as dificuldades encontradas para reprodução econômica e social dos

mesmos, destacamos a assistência técnica através de órgão público, essa proposta esteve presente nas nove propriedades visitadas.

Andando pelo interior de São João da Urtiga (RS) percebi a grande diversidade de agricultores presentes no município, com grande predominância de agricultores familiares. O objetivo dessa pesquisa não foi fazer uma análise quantitativa, até porque o número de visitas não permitiu isso. Porém observei durante os 24 anos que residi no município e nas visitas realizadas que grande parte dos pequenos produtores que produzem grãos não conseguem se reproduzir social e economicamente apenas com a produção agrícola, e dessa forma buscam renda extra em outras atividades.

Algumas unidades de produção partiram para produção de leite, que surgiu como uma alternativa para as pequenas unidades de produção. Porém, hoje já não se tem certeza disso, pois, como os próprios agricultores pesquisados relataram, é uma cadeia exigente e muito instável, com o preço pago ao produtor tendo grande variação em pouco espaço de tempo. Também se pode perceber que no sistema de produção de grãos e de leite os agricultores reclamam de uma dependência de compra de insumos para produção, como aponta Mior (2009), onde estudos mostram como as cadeias produtivas de commodities vêm tornando-se cada vez mais dominadas por grandes atores industriais, deixando os agricultores cada vez mais dependentes de insumos externos para produção. Dessa forma, os produtores vêm perdendo poder até serem excluídos do processo produtivo.

A produção diversificada, e quando possível diferenciada (orgânicos), pode ser uma alternativa para reprodução social e econômica dos pequenos agricultores. Porém, os produtores necessitam de apoio em todo processo produtivo, desde a gestão da unidade de produção, passando pela produção até a logística de comercialização.

Concluo que ao se analisarem sistemas de produção adotados pelas famílias rurais e as transformações do mundo rural, com um foco na família, ressalto que as unidades de produção agrícolas vão além de um espaço de produção. São uma organização social que combina várias espécies e variedades vegetais e animais que formam um agroecossistema construído com base em conhecimento do homem e da natureza. E esse conhecimento é mais que um conhecimento técnico especializado para cultivar lavouras e criar animais, ele é parte de uma representação simbólica construída ao longo do tempo entre o homem e a natureza.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marta Cleia; ALVES, Daniela Cristina. Cooperativismo e agricultura familiar: Um estudo de caso. **Revista de Administração Imed**, Rubiataba, Go, v. 3, n. 3, 2013. p.194-20. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/raimed/article/view/374/367>>. Acesso em: 14 set. 2016.

ANJOS, Flávio Sacco dos; CALDAS, Nádia Valleda; COSTA, Maria Regina Caetano. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOBER, 44., 2006, Fortaleza. **Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar**. Pelotas, Rs: Ufpel, 2004. p. 1 - 21. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/145057/2/191.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2016.

BRASIL. Constituição (2006). Lei nº 11326, de 24 de julho de 2006. **Lei Nº 11.326, de 24 de Julho de 2006**. Brasília, 24 jul. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm>. Acesso em: 24 ago. 2016.

CARNEIRO, Maria José. Pluriatividade da agricultura no Brasil: Uma reflexão crítica. In: SCHNEIDER, Sergio. **A diversidade da agricultura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. Cap. 6. p. 167-187.

CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS E POPULARES (CETAP). O trabalho em grupo e o trabalho em comunidades na perspectiva da agroecologia: : A experiência do Centro de Tecnologias Alternativas. In: NUNES, Sidemar Presotto et al (Org.). **Assistência técnica e extensão rural no sul do Brasil**: práticas, avanços e limites metodológicos. Ijuí: Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2013. Cap. 4. p. 109-126.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan et al. Experiências associativas na agricultura familiar da região Sul do Brasil como forma da promoção do desenvolvimento rural sustentável. In: ENCONTRO INTERNACIONAL "A ECONOMIA DOS TRABALHADORES", 4., 2013, João Pessoa. **Experiências associativas na agricultura familiar da região Sul do Brasil como forma da promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Laranjeiras do Sul, PR: UFFS, 2013. p. 1 - 19.

CONTERATO, Marcelo Antonio et al. O consumo intermediário na agricultura: Uma comparação entre agricultura familiar e não familiar no Brasil e nas regiões Sul e Nordeste. **Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 15, n. 1, 2014. p.54-70. Disponível em: <http://edi.bnb.gov.br/content/aplicacao/publicacoes/ren-numeros_publicados/docs/ren_2014_5_marcelo_v2.pdf>. Acesso em: 14 set. 2016.

DELGADO, Guilherme Costa. **Do Capital Financeiro na Agricultura à Economia do Agronegócio: Mudanças Cíclicas em Meio Século (1965-2012)**. Porto Alegre: Ufrgs, 2012. 144 p.

DEPONTI, Cidonea Machado; SCHNEIDER, Sergio. A extensão rural e a diversificação produtiva da agricultura familiar em áreas de cultivo de tabaco no Rio Grande do Sul: O caso de Dom Feliciano - RS. **Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**, Porto Alegre, Rs, v. 7, n. 2, 2013. p.176-213. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/cpda/ideas/ojs/index.php/ideas/article/view/141/134>>. Acesso em: 02 set. 2016.

DIESEL, Vivien; DIAS, Marcelo Miná. Fundamentos teórico-metodológicos da extensão rural: quais fundamentos?. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO EM EXTENSÃO RURAL, 2., 2010, Santa Maria, RS. **Fundamentos teórico-metodológicos da extensão rural**. Santa Maria, RS: UFSM, 2010. p. 1 - 12.

GARCIA FILHO, Danilo Prado. **Análise diagnóstico de sistemas agrários: Guia metodológico**. [s.l.]: Incra, 1995. 65p.

GAZOLLA, Marcio. O processo de mercantilização do consumo de alimentos na agricultura familiar. In: SCHNEIDER, Sergio. **A diversidade da agricultura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. Cap. 3. p. 85-106.

GUANZIROLI, Carlos et al. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2001. 284 p.

GUILHOTO, Joaquim et al. A importância da agricultura familiar no Brasil e em seus estados. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 35., 2007, Recife, Pe. **A importância da agricultura familiar no Brasil e em seus estados**. São Paulo, SP: USP, 2005. p. 1 - 18. Disponível em: <<http://poseidon01.ssrn.com/delivery.php?ID=186110029069011094068066105121019081054087021052029007119070074009004030071023065065016043025056016121004084009125114009083094027086028018020065005004080121122022051001051080068102123112105102101127122115019117098077092116089107071003097092117072114&EXT=pdf>>. Acesso em: 05 set. 2016.

KAGEYAMA, Angela. Desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul. In: SCHNEIDER, Sergio. **A diversidade da agricultura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 9. p. 245-272.

MIGUEL, Lovois de Andrade. Abordagem Sistêmica da Unidade de Produção Agrícola. In: WAGNER, Saionara Araújo et al (Org.). **Gestão e Planejamento de Unidades de Produção Agrícola**. Porto Alegre: Ufrgs, 2010. Cap. 1. p. 11-18.

MIGUEL, Lovois de Andrade; MACHADO, João Armando Dessimon. Indicadores Quantitativos para a Avaliação da Unidade de Produção Agrícola. In: WAGNER, Saionara Araújo et al (Org.). **Gestão e Planejamento de Unidades de Produção Agrícola**. Porto Alegre: Ufrgs, 2010. Cap. 5. p. 53-67.

MIOR, Luiz Carlos. Desenvolvimento rural: A contribuição da abordagem das redes sociais e sociotécnicas. In: SCHNEIDER, Sergio. **A diversidade da agricultura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. Cap. 10. p. 273-298.

NAVARRO, Zander; PEDROSO, Maria Thereza Macedo. A agricultura familiar no Brasil: da promessa inicial aos impasses do presente. **Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 45, n. 1, 2014. p.6-17. Disponível em: <http://edi.bnb.gov.br/content/aplicacao/publicacoes/ren-numeros_publicados/docs/ren_2014_1_zander_v2.pdf>. Acesso em: 14 set. 2016.

PEIXOTO, Marcus. **Extensão rural no Brasil: Uma abordagem histórica da legislação**. Brasília: Consultoria Legislativa do Senado Federal, 2008. 50 p.

PROCHNOW, Cibele Maria Walter. **A viabilidade da agricultura familiar via suinocultura no município de Nova Candelária - RS**. 2013. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS, 2013. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2423/A_VIABILIDADE_DA_AGRICULTURA_FAMILIAR_VIA_SUINOCULTURA_NO_MUNICÍPIO_DE_NOVA_CANDELÁRIA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 set. 2016.

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no sul do Brasil. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Porto Alegre, Rs, v. 16, n. 9, 2001. p.164-184. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/191/187>>. Acesso em: 10 set. 2016.

SCHNEIDER, Sergio et al. A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul. In: SCHNEIDER, Sergio. **A diversidade da agricultura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. Cap. 5. p. 139-166.

SCHNEIDER, Sergio; CASSOL, Abel. Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e algumas implicações para políticas públicas. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 2, 2014. p.227-263. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/127344/1/Diversidade-e-heterogeneidade.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.

SILVA, José Graziano da. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2003. 238 p.

SILVA NETO, Benedito. Sistemas agrários e agricultura familiar no Rio Grande do Sul. In: SILVA-NETO, Benedito et al. **Desenvolvimento Rural: Tendências e debates contemporâneos**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. cap. 5., 2009 p. 69-102.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO

1. Em qual sistema de produção essa unidade de produção esta inserida?

- Produtos orgânicos;
- Produção de leite;
- Produção de grãos;

2. Qual o tamanho da unidade de produção?

_____ ha.

3. Quanta dessa área é destinada à produção?

_____ ha.

4. Quantos membros possui a família residente na unidade de produção?

_____ membros.

5. Todos os membros da família trabalham na unidade de produção?

- Sim;
- Não; _____ membros trabalham fora da unidade de produção.

6. Qual a escolaridade dos membros familiares?

- 1º grau incompleto; _____
- 2º grau incompleto; _____
- 1º grau completo; _____
- 2º grau completo; _____
- 2º grau com técnico; _____
- Superior incompleto; _____
- Superior completo; _____
- Pós-graduação; _____
- Mestrado; _____

Doutorado; _____

7. Qual a produção média mensal ou anual da unidade de produção? Produção média dos grãos, orgânicos ou do leite nos últimos 2 ou 3 anos? Quanto (%) representa no conjunto da produção da unidade de produção?

8. Qual a expectativa de sucessão familiar nesta unidade de produção?

- Nenhuma;
- Pouca;
- Média;
- Alta;

8.1. Porque tem essa expectativa?

_____ filhos tem interesse em continuar na atividade agrícola.

9. Onde o senhor obtém informações técnicas para trabalhar na unidade de produção?

- Prefeitura Municipal através da secretaria da agricultura;
- Emater;
- Consultoria particular;
- Empresas privadas (com quem normalmente comercializa o produto);
- Rádio;
- Programa de televisão;
- Internet;
- Participação de dias de campo;
- Participação de eventos institucionais;
- Contatos com outros agricultores;
- Outro; _____

11. Na opinião do senhor e dos outros membros ativos da família, quais são as maiores dificuldades encontradas para a reprodução (econômica e social) dos agricultores inseridos nesse sistema de produção?

12. Como o senhor tem trabalhado com essas dificuldades?

13. Na opinião do senhor o que poderia ser feito (sugestões) para minimizar essas dificuldades?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

DIFICULDADES ENCONTRADAS POR AGRICULTORES DE SÃO JOÃO DA URTIGA – RS FRENTE A DIFERENTES SISTEMAS DE PRODUÇÃO: UM ENFOQUE SISTEMICO

Prezado participante, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa Dificuldades Encontrado Por Agricultores de São João da Urtiga – RS Frente a Diferentes Sistemas de Produção: Um Enfoque Sistêmico, desenvolvida por Henrique Luiz Zanin, discente de graduação em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Erechim, sob orientação do Professor Dr. Ulisses Pereira de Mello.

O objetivo central do estudo é identificar as principais dificuldades encontradas atualmente por agricultores do município de São João da Urtiga (RS), bem como possíveis sugestões para sua reprodução e manutenção no meio rural, buscando informações com produtores inseridos em diferentes sistemas de produção.

O convite a sua participação se deve ao critério de escolha utilizado para selecionar as unidades de produção a serem entrevistadas, que foi por meu próprio conhecimento do município, juntamente com órgãos ligados à assistência técnica e extensão rural. A sua participação é muito importante, sendo que esse trabalho poderá servir de base para outros estudos, mais específicos, que poderão ser utilizados por agentes ligados à agricultura.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária, quando o trabalho estiver finalizado pretende-se voltar até a unidade de produção e mostrar os resultados obtidos.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário ao pesquisador do projeto, bem como caminhada na unidade de produção e troca de ideias que não estão no roteiro da entrevista. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora.

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o pesquisador e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de futuramente poder ser beneficiado por alguma política pública que seja elaborada pelos gestores do município, onde eu entregarei uma cópia desse projeto após seu término.

Os resultados serão divulgados para a prefeitura do município e para os agricultores entrevistados mantendo sigilo dos dados pessoais.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Desde já agradecemos sua participação!

São João da Urtiga – RS ___/09/2017

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o pesquisador responsável:

Telefone: (54 –9 9994-3905)

E-mail: henriqueluiz05@outlook.com

Endereço para correspondência: São João da Urtiga – RS, Rua Vitório Faccio - 266

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:

Telefone e Fax - 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante:

Assinatura:
